



## COLÔNIA CECÍLIA: UMA EXPERIÊNCIA QUASE ESQUECIDA

Agnaldo Kupper\*

"Não há igualdade sem liberdade, como não  
há liberdade sem igualdade".

Jaime Cubero

### RESUMO

Preocupado com o problema da falta de mão-de-obra (nascido da libertação de escravos) e com a ocupação do território brasileiro, o Imperador D. Pedro II permitiu o estabelecimento, no Estado do Paraná, em fins do século XIX, de uma colônia italiana cuja meta era viver de acordo com os ideais libertários anarquistas: a Colônia Cecília. Esta experiência, desde seu nascimento, até sua "morte", é pouco vinculada à história nacional, merecendo análise e registro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração Italiana; Anarquismo; Ideais Libertários.

### ABSTRACT

In the end of the 19th Century, concerned about the lack of working people (caused by the end of slavery) and about the occupation of the Brazilian territory, Emperor D. Pedro II allowed the establishment in the state of Paraná of an Italian colony, Colônia Cecília, whose goal was to live according to the anarchists' libertarian ideals. Such experience, from beginning to end, is little linked to the national history, deserving to be analyzed and recorded.

**KEY-WORDS:** Italian Immigration; Anarchism; Libertarian Ideals.

---

\* Mestre em História na área de História e Sociedade.

Docente do Departamento de Ciências Exatas do Centro de Estudos Superiores de Londrina.  
Autor do livro "Colônia Cecília, uma Experiência Anarquista", 1993, Editora FTD.



## 1. INTRODUÇÃO

Etimologicamente, anarquia quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores, sem chefia (do grego *anarchos* = falta de governo).

O termo foi usado pela primeira vez durante a Revolução Francesa, mas coube a Pierre-Joseph Proudhon (1809-1965) a reivindicação do termo anos depois<sup>1</sup>.

Vários autores interpretam o anarquismo não como uma doutrina política, mas uma ética pessoal.

Na verdade, as raízes do pensamento anarquista começaram a ser fixadas com a Revolução Industrial (mesmo sem conteúdo político), uma vez que as relações sociais foram barbaramente modificadas pela mesma.

William Godwin (1756-1836) é considerado o primeiro pensador anarquista sistemático, assim demonstrado em sua obra "Indagação Relativa à Justiça Política".

O anarquismo é revolucionário, porém não admite que um processo interruptor da ordem vigente crie uma força coercitiva sobre uma estrutura social.

Os anarquistas sempre souberam de seus propósitos, apenas divergindo dos meios para atingi-los. Assim, Tolstoi (e seguidores) não admitia qualquer tipo de violência como forma de obter o não-governo. Peter Kropotkin, ao contrário, aceitava a violência, mesmo a contragosto, admitindo-a por achá-la inevitável para a consolidação de uma revolução. O russo Bakunin exaltou a insurreição sanguinária camponesa como forma de eliminar qualquer forma de governo, para ele símbolo do autoritarismo. Godwin acreditava alcançar os propósitos anarquistas através de debates e discussões. Proudhon e partidários acreditavam que o anarquismo seria obtido através da proliferação de organizações cooperativas. Estas posições, apesar da discordância nos caminhos, mostram a concordância de que, por natureza, o homem possui todas as condições para viver em liberdade e concórdia social e, para tanto, o Estado, síntese da autoridade e centralização, deve ser abolido.

Segundo José Oiticica, "o anarquismo propõe, em vez da consciência, a colaboração, a harmonia no trabalho, pois só essa harmonia, multiplicando as forças humanas contra a natureza, dará fartura e bem-estar a todos"<sup>2</sup>.

Sonhando com a paz e felicidade das sociedades primitivas, idealizando a autonomia individual, em combate aos partidos políticos, aos governos, à igreja e à propriedade, e influenciado pelos vários teóricos anarquistas, entre outubro de 1890 e junho de 1891, desembarcou no Estado do Paraná, Brasil, um grupo formado por 250 a 300 pessoas, "capitaniados" pelo escritor, filósofo, veterinário, agrônomo e experimentador italiano Giovanni Rossi.

Rossi e seus companheiros tornaram-se os responsáveis pelo mais importante ensaio anarquista e de libertários da história.

Mas o que restou desta experiência? Como ela desenvolveu-se? Como a cidade de Palmeira, atualmente, contempla este belo episódio de sua história local? O que aconteceu como os experimentadores da Cecília?

<sup>1</sup> Caio Túlio Costa. **O que é Anarquismo**. São Paulo, Brasiliense, 1980.

<sup>2</sup> José Oiticica. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo, Editora Econômica, 1983.



É a estas e outras questões que este trabalho procurará responder, contando com as controvérsias e poucas certezas do que se falou e se fala a respeito deste experimento.

## 2. A TERRA PROMETIDA

Assim como no sul do velho continente europeu, o anarquismo tornou-se, no Brasil, mais vigoroso do que o socialismo.

Os cerca de duzentos hectares que pertenceram um dia à Colônia Cecília estão localizados próximos ao município de Palmeira, Paraná, em um distrito chamado Santa Bárbara de Baixo. O atual proprietário destas terras procurou varrer qualquer vestígio da experiência anarquista idealizada por Giovanni Rossi. Seu temor: o tombamento histórico, como sugerido há alguns anos, na Assembléia Legislativa do Paraná.

Nas terras que abrigaram a Cecília, resta um poço. O Rio das Pedras, descrito por Giovanni Rossi em artigos que redigiu sobre a experiência, também corre com águas límpidas, porém envolvido pelo mato.

Ao indagar a alguns moradores de Palmeira se sabiam ter sido a cidade sede da Colônia Anarquista da Cecília, naturalmente brotaram respostas a esta minha indagação: "ah! não sabia não!" ou "já ouvi falar alguma coisa a respeito..."

O último anarquista da Cecília, mas "que não chegou a viver na comunidade"<sup>3</sup>, nasceu em 1907, cerca de treze anos depois do término da experiência. Filho de Zefferino Agottani e neto de Tranquillo Agotanni, Orestes Agotanni, soube, pelos relatos do pai, de alguns detalhes da experiência da Cecília, detalhes estes que guarda até hoje com muito carinho. Lembra-se de comentários a respeito das construções da Cecília, sabendo apontá-las, uma a uma, nos respectivos locais de erguimento.

Indagado pelo jornalista Ulisses Capozoli, do Estado de São Paulo, Orestes faz suas as palavras de Zefferino: "na Cecília tudo era muito desorganizado". O remanescente Orestes ainda afirma: "... o poço forrado de pedra, ao lado da casa em que vive Emília Artuzzi, também descendente de cecilianos, foi cavado pelos construtores da colônia!"<sup>4</sup>.

Mas tudo está descaracterizado. O que já foi um espaço comunitário de italianos anarquistas, hoje é uma área cercada por arame farpado, cujo proprietário é Arnaldo Artuzzi. Vive no local sua prima Emília. Esta, orientada, garante não ter sido ali o local da experiência iniciada em 1890.

<sup>3</sup> Jornal O Estado de São Paulo, 1997, ano IX, nº 3857.

<sup>4</sup> Idem.





Afonso Schmidt romanceou, em algumas de suas obras, a experiência da Colônia Cecília, o que contribuiu para que o episódio, tão carente de relatos, acabasse por somar mais dúvidas do que certezas. Uma das dúvidas: teria Giovanni Rossi, através do romancista musical Carlos Gomes, autor de *O Guarani*, solicitado as terras ao imperador D. Pedro II quando da visita deste a Milão para tratamento de saúde?<sup>5</sup> O pesquisador independente Cândido de Mello Neto, descendente de italianos, após dez anos de estudos, quando consultado, coloca esta versão em dúvida, dando a entender que os italianos anarquistas idealizadores da Cecília penetraram no Brasil como imigrantes comuns.

Outra dúvida: a prática do amor livre teria sido consolidada na Cecília enquanto a mesma existiu?

Provando que o episódio merece muito estudo, tal seu valor, relatos de Schmidt afirmam que os experimentos da Cecília foram abalados, definitivamente, quando um argentino de nome Taravis, vendeu uma safra de milho dos cecilianos e fugiu. O valor perdido seria usado para pagamento de impostos exigidos pela República brasileira.<sup>6</sup> Autores diversos contestam, relatando-nos que o suposto Taravis não era argentino, mas sim espanhol. Afirmam ainda que Taravis não roubou a safra de milho, mas a caixa comunitária dos cecilianos.

Para complicar ainda mais, em 1989, a TV Bandeirantes produziu uma série sobre a experiência de Rossi e companheiros, prevalecendo a visão romanceada de Schmidt.

Em 1976, Jean Luis Comolli filmou "La Cecília - une commune anarchiste au Brésil em 1890". Em mais esta obra prevaleceu o lado contemplador de Schmidt.

Justiça seja feita: o próprio Schmidt afirma, em prefácio de suas obras sobre a Cecília, que "trataria a experiência não como registro histórico, mas como um romance".<sup>7</sup>

Deixando de lado as dúvidas, o certo é que foram cedidas terras no Brasil, especificamente no Paraná, então carente de população, para que famílias de Milão, Cremona, Firenze, Verona, Bérgamo e Bréscia, entre outras regiões italianas, aderissem à perspectiva da experiência anarquista idealizada. O Semanário 'La Sperimentale' serviu de instrumento de divulgação, buscando atrair interessados. Atingiu o objetivo.

Para a experiência anarquista da Cecília vieram engenheiros, operários, camponeses e professores, que partiram em fevereiro de 1890 da Itália a bordo do navio "Cittá de Roma", trazendo na bagagem algumas roupas, livros, ferramentas e alguns instrumentos agrícolas.

Era abril de 1890, quando a primeira leva de anarquistas pôs os pés no Paraná.

---

<sup>5</sup> Afonso Schmidt. **Colônia Cecília, uma aventura anarquista na América**. São Paulo, Editora Anchieta, 1942.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.



### 3. A EVOLUÇÃO DA EXPERIÊNCIA CECILIANA

Deixando de lado as contradições históricas, fato é que a experiência anarquista da Cecília existiu.

Na cabeça dos experimentadores, muitas idéias; no coração, insegurança. Insegurança esta que pode ser confirmada: alguns meses antes do desembarque dos anarquistas cecilianos no Brasil, um golpe depusera a Monarquia, instituindo a República. Qual seria a reação dos republicanos diante do ideal de Giovanni Rossi e companheiros?

A primeira atitude dos anarquistas em Palmeira foi hastear um pano vermelho e preto, que passou a simbolizar a bandeira anarquista. Pretendiam os experimentadores ser este o símbolo da liberdade e de uma sociedade sem austeridade, sem mandos ou desmandos.

Quando da ocasião da instalação da Colônia Cecília, o Paraná não possuía mais do que cento e cinqüenta mil habitantes, com algumas vilas abertas em meio a imensas florestas, em especial de pinheiros.

Foram erguidos ranchos coletivos para os solteiros e ranchos menores para os casados que desejassem habitação própria. Devido à falta de alimentação, foram iniciadas plantações de produtos básicos como milho e trigo, produções insuficientes para a manutenção do grupo. Devido ao problema, já no primeiro mês, alguns anarquistas foram trabalhar na vizinha cidade de Santa Bárbara, onde o governo republicano construía uma estrada de rodagem. À noite, voltavam para a colônia. Nada agradável esta submissão de anarquistas a obras de um governo.

Uma nova leva de italianos chegou à Cecília depois de alguns meses. Vieram os Códega, os Artuzzi, os Pusi, os Mezzadri, os Romani, os Vercezzi, além de outras famílias que adentraram o Brasil, mas acabaram fixando-se em Curitiba.

Na Cecília foi edificada, em 1891, a Casa do Amor, construção, como todas, simples, onde os cecilianos faziam suas reuniões, discutindo os problemas da experiência, bem como onde faziam estudos, apresentações teatrais e ministrariam palestras. Passava a ser ali o centro de vida da Colônia.

Os indivíduos da Colônia Cecília possuíam vocações profissionais baseadas em tradição familiar. Assim, o operário normalmente o era porque seu pai o fora. Com a nova experiência, tornou-se difícil a prática profissional do habitante, uma vez que a necessidade de subsistência passou a ser a prioridade.

Com o pouco dinheiro trazido da Itália, compraram os cecilianos algumas vacas leiteiras, alguns frangos, porcos e marrecos.

O cardápio da cozinha comunitária não variava muito: "café e polenta pela manhã; polenta, frutas e, por vezes, carne, no almoço; polenta e sobras do almoço, no jantar"<sup>8</sup>

Aproveitando-se do Córrego das Pedras, os cecilianos construíram um pequeno moinho. A família Agottani edificou parreirais que chegaram a atrair visitantes à Colônia Anarquista.

---

<sup>8</sup> Agnaldo Kupper. Colônia Cecília, uma experiência anarquista. São Paulo, FTD, 1993.



Diferentemente da Cecília, as áreas que a circundavam produziam erva-mate, já, à época, uma das principais riquezas do Paraná. O comércio de bovinos, equínos e muares ganhava vulto como atividade no Estado.

O desenvolvimento cultural dos colonos foi limitado. Recebiam o jornal *L'Avanti* regularmente, por onde informavam-se dos fatos ocorridos na Europa. Por outro lado, constantemente eram enviados relatos da experiência a jornais europeus, como o "Revolte", de Paris. Devem ser registradas, também, para algumas visitas ilustres aos cecilianos, como a do escritor Ermelino Agostino de Leão, do deputado republicano Manuel Correia de Freitas, do engenheiro Gastron Pinot e até mesmo do ex-presidente uruguaio Battle y Ordenez, todos incentivadores do ensaio.<sup>9</sup>

#### 4. O AMOR NA CECÍLIA

Para os anarquistas, não deve haver barreiras para o amor, que deve ser espontâneo, duradouro enquanto sentimento de ambos os lados. Ainda segundo a ideologia, todo compromisso institucionalizado corre o risco de perder a naturalidade. No caso da ligação entre homem e mulher, pensa-se que o compromisso formal selado pelo casamento resulta na anulação do desejo individual. Giovanni Rossi chega a citar que "(...) aceita-se o natural, corrige-se o que não é. Família, casamento são instituições sérias, porém não há a necessidade de imposições regulamentadas por lei".<sup>10</sup>

A teoria foi efetivada na Cecília. Os originais que descrevem a experiência no Paraná, de Giovanni Rossi, narram que o próprio Rossi assumiu como filha Ebe Rossi, fruto de um casamento poliândrico (o pai biológico foi um anarquista francês), não sendo este o único caso de poliandria na comunidade (além de Ebe, Rossi teve outros filhos: Edebe, Pianina e Gianina, estas tendo Rossi como pai original).

Muitos descendentes dos cecilianos vivem hoje nas proximidades de Ponta Grossa e se chamam carinhosamente de primos e tios. Esta é uma indicação de que o experimento anarquista da Cecília não foi de todo em vão.

Afonso Schmidt narra em obras sobre a experiência de Giovanni Rossi que, numa noite de novembro de 1892, chegaram à Cecília Éleda e seu namorado Aníbal. A partir daí, as teorias anarquistas sobre o amor seriam testadas. Aníbal, um socialista convicto. Éle da, uma enfermeira ainda abalada por um ex-relacionamento que durara cinco anos completos. Conheceram-se em Milão e passaram a viver juntos".<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Newton Stadler de Souza. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro, Ed. Civ. Brasileira, 1970.

<sup>10</sup> Um caso de amor livre na Colônia Cecília. Título de um dos relatos de Giovanni Rossi sobre a experiência anarquista no Paraná.

<sup>11</sup> Op. Citada.





De acordo com relatos de Giovanni Rossi sobre a experiência anarquista no Paraná, confessa este que se apaixonara por Éleda ainda na Itália. Nem sua vinda ao Brasil o teria feito desligar-se desta paixão. A chegada de Éleda à Cecília fizera Rossi aproximar-se cada vez mais da mesma, o que fez com que boa parte dos colonos (os interessados por esta experiência) reunissem-se na Casa do Amor para debater o problema. Não por ingerência, mas por desejo de partilhar dos sentimentos dos envolvidos diretamente no triângulo amoroso. Éleda teria optado, perante os companheiros cecilianos, por Rossi, distanciando-se Aníbal da comunidade e migrando para Buenos Aires, Argentina.

## 5. OS GRAVES PROBLEMAS DA EXPERIÊNCIA CECILIANA

Realizado o segundo recenseamento populacional no Brasil republicano, em 1890, chegou-se ao número aproximado de quinze milhões de habitantes, grande parte imigrante. Tal imigração, desejada pelo governo imperial brasileiro, principalmente a partir da crise provocada pelo término do tráfico negreiro, em 1850, atraiu ao Paraná um grande contingente de italianos, poloneses, ucranianos e outros grupos. Mesmo assim, segundo esta iniciativa recenseadora, o Paraná ainda mostrava-se um Estado pouco habitado.

Na Cecília, uma colônia de características incomuns, não havia qualquer princípio ligado à riqueza. Dinheiro, na colônia, só mesmo para a compra de mercadorias essenciais e não produzidas internamente. Para tanto, os colonos entregavam o que possuíam para o caixa único do grupo, estabelecendo-se o princípio do cooperativismo, como desejo da criação de uma comunidade autônoma, livre de qualquer conceito de propriedade.

Em fevereiro de 1893, chegou à colônia uma intimação da delegacia de Palmeira, convocando um representante da comunidade para encontro com o delegado Pedro Viana Silva. Giovanni Rossi foi designado, recebendo na audiência com o delegado a informação de que os cecilianos deveriam saldar impostos não pagos quando foi feita a concessão de terras aos mesmos, de acordo com o artigo 1º do relatório de 1890 do governo paranaense: "Todas as dívidas dos colonos estabelecidos no Estado do Paraná, e ainda não pagas, ficam reduzidos ao preço da aquisição dos lotes rústicos, inclusive as vivendas, perdoados todos e quaisquer adiantamentos, assim como os 20% adicionais e mais outros tantos 20%".

Assim sendo, a preocupação dos colonos tinha motivos para existir: colônias imigrantes, como a Leopoldina e Nova Itália, ambas no Paraná, já tinham sucumbido por não pagarem os impostos cobrados pelo governo.

Levado o problema aos membros da Cecília, chegou-se à conclusão de que a única forma de ser mantida a experiência seria com o pagamento, sendo que o dinheiro seria obtido com plantação de milho na própria colônia e com companheiros sujeitando-se ao trabalho nas construções de estradas de rodagem pelas redondezas. Era uma imposição que, definitivamente, não agradava a qualquer anarquista. Para tanto, segundo alguns depoimentos, Rossi confidenciou que o primeiro dinheiro para a compra de ferramentas para esta plantação fora obtido com a venda de uma corrente de ouro



pertencente à senhora Colombo Leoni, anarquista proveniente de Turim, Itália.

A plantação do milho, que atenderia às necessidades fiscais, foi rápida. Na espera da colheita, os cecilianos obtiveram informações das agitações políticas do Brasil republicano conservador, apoiado na estrutura cafeeira. No sul, sabiam do avanço da Revolução Federalista, que opunha pica-paus a maragatos. Souberam que a luta gaúcha possuía um objetivo claro: o poder estadual, o que não agradava aos libertários. Em maio de 1893, um líder maragato, contrário à política presidencial de Floriano Peixoto, visitou os colonos. Era este Emílio Sigwat, refugiado no Paraná. Sem saber, a Cecília envolvia-se no conflito ao recebê-lo. Alguns dias depois, soldados do exército estiveram na comunidade anarquista à procura do revolucionário federalista. Não o achando, usaram de violência, destruindo parte da produção do milharal e os poucos instrumentos agrícolas existentes na localidade. A revolta foi grande, a ponto de alguns cecilianos passarem a engajar-se na Companhia do Major Ferdinando Panacine, um batalhão rebelde ítalo-brasileiro formado em Curitiba e concentrado na região da Serrinha, próximo à Palmeira. Aqui, mais uma dificuldade: a perda da mão-de-obra dos que se envolveram neste episódio da história nacional.

Não bastasse o problema com a mão-de-obra para a colheita que permitiria o pagamento dos impostos pela república, a Cecília viu-se envolvida com o crupe, doença infecciosa aguda.

A colheita não foi suficiente, ainda mais com supostos desvios de um membro da comunidade, conforme já mencionado.

Com tantos problemas, a Cecília enfraqueceu ainda mais sua base frágil, com seus membros espalhando-se pela região de Curitiba, Ponta Grossa e até outros Estados brasileiros.

Poderiam ter transformado as terras da comunidade em uma fazenda como outra qualquer. Não quiseram, abandonando a área.

## 6. O DESTINO DE ALGUNS CECILIANOS

Enquanto existiu, os colonos da Cecília mantiveram contato com o movimento anarquista internacional, e, após o fracasso dessa experiência, muitos integraram o anarquismo brasileiro, que, imbricado ao movimento operário, formou um poderoso agente de contestação da ordem pública e social estabelecida.<sup>12</sup>

Giovanni Rossi, o idealizador da Cecília, viu, em 1894, pouco restar da experiência anarquista de Palmeira.

Rossi, assim, tornou-se um homem amargo, seja pelo término da experiência, seja pela morte de duas de suas filhas, Ebe e Gianina, vítimas de crupe nas terras da Cecília. O agrônomo passou a condensar os registros das experiências cecilianas e os publicou em 1932 pelos Cadernos de Liberdade, sob o título "Um caso de amor livre na Colônia Cecília".

<sup>12</sup> Jaime Cubero em obra "Colônia Cecília, uma experiência anarquista", Kupper, 1993.



No Brasil, Rossi passou a ministrar aulas na Escola Superior de Agricultura de Taquari, Rio Grande do Sul. Passou também a corresponder-se com algumas instituições agrônômicas da Itália e dos Estados Unidos da América. Interessou-se pelas experiências sociais de Hermann Blumenau, alemão "que acreditava na propriedade, desde que a serviço do bem comunitário" (Kupper, 1993).<sup>13</sup>

Em 1905, Rossi assumiu o posto de diretor da Estação Agrícola de Santa Catarina, em Rio dos Cedros, Blumenau. Em 1906, já estava com a família em Florianópolis, onde morreu sua filha Gianina.

Diante de mais esta fatalidade, em 1907, Rossi voltou para a Itália, onde fundou e dirigiu o Viveiro Cooperativo da Ligúria, destinando árvores frutíferas com frequência a Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1943 morreu na cidade de Pisa, mesmo local de seu nascimento, sendo enterrado junto ao pai, o advogado Tito Rossi, e de sua mulher Éleda.

Antes de morrer, porém, Rossi, em um artigo denominado 'Il Paraná nel secolo XX', traduzido por Valêncio Xavier, previu que estradas de ferro cortariam todo o Estado e que uma enorme usina elétrica se instalaria onde hoje concentra-se a Usina Hidrelétrica de Itaipu: no entanto, cuidadosamente, Rossi chamava atenção para a preservação de Sete Quedas, hoje desaparecida, afogada pelas águas de Itaipu.

Outros remanescentes de destaque da Colônia Cecília foram Alexandre Chercchiai e Gigi Damiani, que chegaram a trabalhar em jornais como o *La Bataglia*, em São Paulo. Damiani teve grande destaque na mobilização operária paulista, fazendo parte, inclusive, do Comitê de Defesa Proletária na Greve Geral de 1917, em considerado o mais brilhante jornalista anarquista de língua italiana. Em 1919, foi preso e expulso do Brasil, de acordo com a Lei Adolfo Gardo, morrendo na Itália em 1953.<sup>14</sup>

## 7. CONCLUSÕES

Em visita pessoal à região de terras onde concentrou-se a Colônia Cecília, uma triste constatação: onde viveram grandes nomes, hoje reside um polonês chamado Leonardo Ponija (que para sobreviver trabalha para vizinhos), o casal Arnaldo e Adelina Artuzzi e alguns primos, além de Emília Artuzzi, esta uma mulher solitária vivendo em terras centrais do experimento. Ou seja, em terras que um dia já foram de companheiros.

A Cecília não continuou por mais anos a sua experiência devido não apenas às forças republicanas e suas cobranças e perseguições, como querem alguns estudiosos. Cedeu também às suas contradições e à falta de maturidade de alguns de seus experimentadores. Muitos destes aproveitaram-se da oportunidade pela cessação do tráfico de negros por ocasião da Lei Euzébio de Queiroz (1850) e do apoio do governo imperial brasileiro, necessitado de mão-de-obra para o cultivo cafeeiro, para aderirem à uma nova perspectiva de vida.

<sup>13</sup> Jaime Cubero em obra "Colônia Cecília, uma experiência anarquista", Kupper, 1993.

<sup>14</sup> John W. F. Dulles. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.



Anarquistas convictos como Gigi Damiani, Alessandro Cerchiai e Oreste Pistoli, oriundos da Cecília e certos de seus pensamentos, buscaram novas formas ativas de consolidação de sua ideologia, participando dos movimentos grevistas de 1917, em São Paulo, protestando contra a adulteração dos alimentos, contra o alto índice de desemprego e baixos salários, além da exploração do trabalho de homens e mulheres nas fábricas paulistas. Mas nem todos agiram da mesma forma, fixando-se no Brasil e aderindo ao sistema.

O fato é que, com as dificuldades e contradições, próprias de um experimento, a Cecília existiu como um dos mais importantes ensaios libertários da história da humanidade. E no Brasil! Não pode, assim, simplesmente desaparecer de nossa história, uma vez que a semente plantada é significativa, ainda mais em um país que não resolveu seus graves contrastes sociais, onde a miséria, fruto da má distribuição de renda, prevalece na ordem do dia e onde os direitos de vida e de oportunidades mostram-se quase perdidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLERINI, Emma. **Em defesa do companheiro Gigi Daniani**, *In A Plebe*, 30 de outubro, 1919.
- COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.
- DULLES, John W. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977.
- KUPPER, Agnaldo. **Colônia Cecília, uma experiência anarquista**. São Paulo, FTD, 1993.
- LEÃO, Agostinho Ermelino de. **Dicionário do Paraná**. Ed. Imprensa Oficial do Estado, 1903.
- LIRA, Heytor. **História de D. Pedro II**. Editora Brasileira, 1940.
- OITÍCICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. São Paulo, Editorial Econômica, 1993.
- O Estado de São Paulo**, ano IX, nº 3857, 31/08/1997.
- ROSSI, Giovanni. **Il commune in Riva al mare**. Ensaio Político, Milão.
- SCHMIDT, Afonso. **Colônia Cecília - uma aventura anarquista na América**. São Paulo: Ed. Anchieta, 1942.
- SOUZA, Newton Stadler de. **O anarquismo da Colônia Cecília**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1951.
- VÁRIOS. **Saga, a Grande História do Brasil**. Ed. Abril Cultural, São Paulo, vol. V, 1981.
- WOOD COCK, George. **Anarchism**. Cleveland e New York, World Publishing Company, 1967.